

2^o
PRÊMIO:

**EDUCAR PARA A
IGUALDADE RACIAL**

EXPERIÊNCIAS DE
PROMOÇÃO DA IGUALDADE
RACIAL/ÉTNICA NO
AMBIENTE ESCOLAR



CEERT CENTRO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES
DE TRABALHO E DESIGUALDADES

EXPERIÊNCIA PREMIADA ENSINO MÉDIO

Primeiro lugar

DESCONSTRUINDO PRECONCEITOS, CONSTRUINDO LIVROS COM AS PRÓPRIAS MÃOS

Professor: José Luiz de Souza

CONTEXTO

A experiência *Desconstruindo preconceitos, construindo livros com as próprias mãos* foi desenvolvida de dezembro de 2002 a fevereiro de 2004, na Escola Municipal Indígena "Ejiwajegi" - Pólo, no município de Porto Murtinho (MS). Atingiu aproximadamente 20 alunos com idade média de 25 anos. As principais áreas do conhecimento envolvidas na experiência foram geografia, história e artes.

OBJETIVOS

Esperávamos que os alunos - que se sentiam discriminados nos livros didáticos, enviados pelo governo, que utilizam mecanismos de invisibilização, além de sempre se referirem aos índios no passado, como se eles não existissem nos dias de hoje - aumentassem sua auto-estima e valorizassem a própria cultura.

JUSTIFICATIVA E PLANEJAMENTO

Dois momentos foram importantes para a escolha do tema. O primeiro foi no “Encontro Preparatório do Curso de Formação de Professores Kadiwéu e Kinikinawa”, ocorrido em julho de 2001. Nesta ocasião, os alunos tiveram contato com dois adolescentes negros de São Paulo e perceberam que, infelizmente, não são as únicas vítimas de preconceitos e discriminação. No segundo momento, os alunos observaram, nos livros didáticos, a ausência de indígenas em episódios como a Guerra do Paraguai - um evento histórico importante para eles, e se perguntavam como dariam aulas com livros que não os mostravam como eram no presente, vivos entre duas culturas distintas.

Esses dois momentos foram muito importantes para a escolha do tema, pois significaram reflexão sobre o preconceito e a indiferença. Se no primeiro, os alunos foram solidários com os dois adolescentes negros; no segundo, se sentiram invisíveis aos olhos da sociedade não-indígena. Dessa forma, a proposta pedagógica do Curso de Formação de Professores Indígenas previu, desde o início, a formação de professores e pesquisadores e formuladores de saberes locais e globais e não apenas reprodutores de conhecimentos alheios à realidade indígena.

Contamos com a colaboração das lideranças indígenas, dos pais, mães e parentes dos alunos, da coordenação pedagógica do curso e da Secretaria Municipal de Educação de Porto Murtinho. Todos colaboraram: fornecendo informações, acompanhando a elaboração das obras, financiando o deslocamento até a aldeia, e graças à PUC-Rio conseguimos o financiamento do projeto.

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

As atividades foram desenvolvidas em 40 horas-aula. Os temas seguiram os eixos propostos pelos futuros professores indígenas para cada série inicial do Ensino Fundamental: aldeia (1a.), território indígena (2a.), município (3a.) e Estado (4a.). A abordagem dos temas seguiu os princípios da especificidade, interculturalidade, bilingüismo, diferenciação e respeito pela cultura indígena Kadiwéu, visando a eliminação dos estereótipos que cercam as questões étnicas e geram preconceitos e discriminação.

A metodologia utilizada consistiu em investigação, pesquisa participante, coleta de dados em campo, leituras, elaboração de textos e de desenhos, tradução do material. Os alunos, que também são professores da escola indígena, aplicaram o material experimental em suas aulas a fim de verificar a pertinência dos conteúdos para cada série e efetuaram mudanças e revisões necessárias. Houve uma grande expectativa por parte de toda a escola, pois os alunos do magistério tornaram-se professores no início de 2004 e pretendem utilizar os livros. A participação dos demais alunos consistiu no fornecimento de informações e na verificação da pertinência dos conteúdos selecionados e trabalhados.

Os produtos finais foram os livros propriamente ditos (um para alfabetizados e outro para recém-alfabetizados). Além disso, os Kadiwéu aprenderam como elaborar os próprios livros. Este aprendizado talvez seja o produto final mais importante da experiência.

MOTIVAÇÃO E PARTICIPAÇÃO DO ALUNO

A curiosidade e o interesse são características natas nos Kadiwéu. Assim, não foi difícil motivá-los a escreverem seus próprios livros. Inicialmente, mostramos livros elaborados por índios de outras etnias. Os alunos relataram terem visto, entre as várias obras apresentadas, um livro produzido por índios xinguanos que abordava a questão do negro. Isso os estimulou a produzir obra semelhante, mas falando de si mesmos.

Ao estudarem, durante os períodos letivos, livros produzidos por não-índios, constataram que a reprodução de estereótipos em nada auxiliam no combate à discriminação étnica e racial, pelo contrário, os alimentam. Além de imporem um único padrão de homem, mulher, política, religião, arte e cultura. Convidados a expressarem o que sentiam quando tinham diante de si esses livros, enviados pelo governo para as escolas de todo o Brasil, os alunos do Curso Normal em Nível Médio revelaram o desconforto de serem retratados como inferiores, selvagens, primitivos, pertencentes ao passado e sobretudo, sem direito à aquisição de tecnologia, pois se assim o fizessem “deixariam de ser índios”. Eram criticados até mesmo pelo fato de estudarem em uma escola. Essas descobertas os envolveram a ponto de construírem, com as próprias mãos, livros que realmente os fizessem se reencontrar como sociedade indígena, pois essas obras retratam o que eles vivem, sentem e acreditam.

A timidez inicial cedeu lugar ao orgulho tribal. Retratando-se nas obras, os alunos sentiram sua auto-estima crescer. Com os livros, puderam dar início à luta contra os preconceitos alimentados pela sociedade, e, também, combater os próprios preconceitos em relação

aos não-índios. É o fazer a diferença que lhes deu a coragem para enfrentar o desconhecido e o novo. A vontade de se tornarem, de fato, mestres, utilizando-se de uma ferramenta elaborada por eles próprios, por meio de conhecimentos adquiridos pela humanidade no tempo e no espaço, fez com que surgisse a idéia de uma de que é possível uma ponte entre dois mundos, entre duas culturas. A convivência, pautada no diálogo e no respeito entre índios e não-índios, é possível.

AValiação

Os objetivos foram alcançados. A postura dos alunos mudou no que tange à prática da pesquisa, principalmente, sobre eles próprios. Houve um bom entendimento de que o trabalho coletivo é desejável, facilitando a luta por uma meta comum. Com esse sentimento de vitória, os livros foram elaborados como ferramentas, construídas pelas próprias mãos, para auxiliar na prática escolar e enriquecer de saberes locais a sala de aula, no caso, uma verdadeira fronteira entre dois mundos.

Os alunos recusaram-se a assinar individualmente os textos e desenhos e, portanto, a avaliação também foi coletiva, além de processual e qualitativa, na medida em que os alunos foram vencendo dificuldades e sendo estimulados a participar de todo o processo. Como não houve certo ou errado, o que pareceu mais adequado ao uso de crianças de 1^a a 4^a séries da Escola Municipal Indígena "Ejiwajegi-Pólo" foi testado e, uma vez verificada a sua pertinência, permaneceu no livro.

Algumas dificuldades foram encontradas. A língua Kadiwéu é complexa e o auxílio de um lingüista seria de grande importância. Na

2^o
PRÊMIO:

**EDUCAR PARA A
IGUALDADE RACIAL**

EXPERIÊNCIAS DE
PROMOÇÃO DA IGUALDADE
RACIAL/ÉTNICA NO
AMBIENTE ESCOLAR



CENTRO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES
DE TRABALHO E DESIGUALDADES

ausência desse profissional, encontramos a garra e a força de uma sociedade representada pelos próprios alunos que descobriram serem os responsáveis pela grafia de sua própria língua e as dificuldades foram superadas. Outro empecilho foi o atraso no financiamento, que provocou desmotivação e com a escassez de recursos não foi possível imprimir a obra, que aguarda financiamento para impressão.

Os bons resultados foram: enxergar o Brasil como país pluriétnico, culturalmente diverso. Apostar na produção local de professores e pesquisadores da própria cultura indígena e de outras. Eliminar o preconceito contra negros, índios, mulheres e minorias.

Entretanto, a obra produzida ficou restrita à questão indígena e se fosse para melhorá-la incluiríamos também, os negros, as mulheres, as pessoas com necessidades especiais. Envolveríamos alunos de outras séries para ampliar o debate. Deveríamos ter evitado as expectativas que foram criadas nos alunos, pois com recursos financeiros limitados não puderam ser cumpridas algumas etapas da produção.

A realização do projeto nos fez rever os próprios preconceitos, demolindo estereótipos. Entendemos que fazer parte de uma etnia, não é nem pior, nem melhor do que fazer parte de outras. É tão-somente diferente e demanda todo o respeito. A relação professor/aluno pressupõe um diálogo muito profícuo nas questões raciais e étnicas, portando ela não deve ser marcada pela hierarquização. Deve ser igualitária e dialógica.

GUIA DE IDÉIAS

Textos kadiwéu

Mitos e costumes Kadiwéu (trechos retirados do livro **"EJIWAJEGI DINATITALO OKOMAŠA ŠOBAŠATEDI** Construído pelas nossas próprias mãos", produzido pela comunidade Kadiwéu)

* Autores dos Textos: Kadiwéu: Celestino da Silva Marcelino, Ezequias Vergílio, Gilberto Pires, Juciney da Silva Rufino, Jurandir Faustino Francisco, Juvenil Cruz, Laércio Barbosa Victor, Laucídio de Almeida, Martina de Almeida, Nemias da Silva, Odenil Matechua Leite, Osmar Francisco, Sebastião Batista da Cruz, Valciso Souza da Silva, Valdomiro da Silva Marcelino, Valmir Almeida, Inácio Roberto (Kinikinau), Rosaldo Albuquerque de Souza (Kinikinau), Gidião Gabriel Reginaldo (Terena), Solange Felix Farias (Terena), Marina Barbosa Cáceres (não-índia).

APACIŠIGI

JOTIGIDE ICOA GODOIGIWEPODI LIŠELA-DIOCA ACA APACIŠIGI.
OKANICODAAŠICA, ICAAŠICA LEEGITA PIDA EDOKU ME OYADAGI
NEEMIŠIGI. JIŠIDAA LEEŠODI NAŠA ELEODI MIŠIDIAŠIDI OYALADI
LEEŠODI DAŠAXA ME IPEGITEGE LIŠELATADI. INOA NOKODODI
BADAŠADIA JOWOŠOTAŠA ANE DIŠETIGI CODAA AŠALEE JIBAKENAŠA.
IDOKA JOWOGO-TAŠA ME TICA DIGOIDA LINIOGATIBECE AKIDI
GAXIANEGI. INA NATIGIDE INOA ŠONEEMA-ŠAŠA BANAŠA INOAŠENAŠA
DIGOINA LIBATADI.

Barranco Branco

Antigamente o nosso povo morava no Barranco Branco. Mesmo morando longe do cemitério sempre levavam o seu falecido para este lugar. Por isso, tornou-se tão grande. Algum tempo depois, tiveram que abandonar o local porque estava muito longe da aldeia. Hoje em dia, não utilizamos e nem conhecemos este cemitério. Só sabemos que se encontra na beira do rio Paraguai. Agora os nossos falecidos são depositados aqui mesmo, próximos da Aldeia Bodoquena.

GANAKIGI (m) GANAAKIGI (f)

NOIGI EJIWAJEGI IDA EPALIGILIŠIGI ME IDI ME NOIGI. NIŠINA
ENIODODIPI ME ANI NIONA, ODA ODOWEDITELOCO, NIGE EPA ICOTA
ME NIGANAKE, LEGODO MEDAŠA OYOWOGODI NOKO JOANIŠIDA

MEDAŠA YOKATICE ME NOITICE ME IDIANAŠA DITE, ODOITIBIGI DAŠA ICA GANTIŠIDA ANE BEYAGITEMA ODA NIGE ICOTA ME NIGANAKE ODA JA NALOGO ME AWATEGE ELIODODIPI AWIKIGE. ODA NIŠIDA NALOKIGI NIODAŠA NOIGE, ETACOLIGEŠA EPA LAWIGI, CODAA ME OWAKIPI NODAGI ANE LIBONAŠADI (GONELOCODI KICO) AWAKICEGE IDIAŠI CATIWEDI IDATAWECE NOKO, CODAA ME DIŠICA ANE YELIGO, NEŠE EPA ICOTA 5 LAKATE ME GOCIDI, ODA IWALEPODI LOXODIPI JANIGANAŠANAŠA OIŠA EPA ELACO, ODA NAGANI LAMI JAYAWE LAWATE ME YATITA LIPEGETEŠE LIXAGOTEGE, NEGE IXOMAŠATIJO ENAGI, ODA OWICIGE JA YACADI ME NOITICE LIGELADI ODA ANIODI NALOKIGI YADOGI ITOA NOKODODI, ODA JIŠIDAŠE LALOKIGI AWACIJE.

Festa da Moça

Na cultura Kadiwéu existe um costume importante para o povo. Quando os pais têm uma filha cuidam bem dela até o dia da menarca (a primeira menstruação), que ninguém sabe o dia certo. Por este motivo é que a moça não pode sair muito nem andar em qualquer lugar, para não acontecer alguma coisa ruim com ela. Quando chega o dia da menarca, o povo começa a festejar com os pais da moça. E nessa festa, o povo come, dança a sua dança tradicional, e rola uma bebida chamada “vô kiko”. A moça fica dentro de casa durante o dia sem comer nada, quando chega às 5 horas da tarde, as mulheres idosas começam a cantar a sua música típica e a avó começa a abanar a neta com o pano vermelho. Após as cantigas, a moça pode sair de casa e se alimentar. A festa dura dois dias. Essa é a Festa da Moça.

ŠONELEGIWADI

ŠONELEGIWADI EJIWAJEGI APOLICAŠADINAŠA. LEŠODI ELIODI ME OIBAKE APOLICAŠANAŠA DAITAŠA IJO NI ŠIJOA NOKA AGOTAŠA IMAŠEJO-NAŠA NIŠINA NIPODIGI ANE INA ŠOGELADI NIŠINOA NOKODODI. LEEŠODI NIŠICA JOTIGIDE GAXIANALI DAMAŠA OYEMA ME ONIBANOTOGODICE ŠONIGA-TEDI PIDA EJIWAJEGI AGOIKA ME ODETEGI NIŠIJOA NIODAGAWADI GAXIANA ANE DOMAŠA ETI ŠODIBANO. CODA ANA LE LEEŠODI ME DOŠO OYAKADI NIŠIJOA ELEODI ME ELAŠATIWAGI ELIODI ME OYAMA ELEDI DAITAŠA IGOA NIGIJOA AŠOTAŠA OYOKADI NIŠINA NIPODIGI ELEIDI.

Homens

Os homens Kadiwéu são excelentes cavaleiros por utilizarem muito bem os cavalos e com eles conseguiram conquistar essa terra em que vivemos agora. Antigamente, os paraguaios queriam invadir e expulsar os índios Kadiwéu, mas com a força que esses homens índios tiveram a idéia dos soldados paraguaios não deu certo. E, por isso, não

conseguiram essa terra, pois os índios vivem nela em união com seu povo, por terem conseguido o seu território que tem uma área de mais de quinhentos e trinta e oito mil hectares.

GUATÓ

NOIKA ANE IDII DIGOIDA NAXOGETIO NIALIGI ELIODI. MANITAŠA ILHA ÍNSUA, NI MUNICIPIO GOLUMBA. NOIKA ANE OIBAAKE NIWATECE, CODA IWIGI, NOMIGOMIGIPI, OYELIGO NOŠOJEGI, NIOYOŠOXEGI. ELEDI NAODAGANADI, ANE OYATINI ETACOLIGI, ENEWIGIGI. CODA INOA ELETIDI LATOPACO NAWODIGIJELI, LATOPACO CODA NOWENATAGODOLI INOA EPAA LIWATECIDI.

Guató

Índios que estão localizados no ponto extremo noroeste de Mato Grosso do Sul, na Ilha Ínsua, no município de Corumbá. São hábeis caçadores e pescadores. Alimentam-se de peixe e jacaré. São ótimos cultivadores, plantam milho, mandioca e cereais de outras espécies. São construtores de canoas.

LAWODI

INOATAWECE YEJEDI NIŠINA IIŠO INOA LAWODI LALODI. OKO JIŠINA EO ŠODEWIŠA, NIGE ŠODAWODO ELE INATAWECE ŠODOLADI ELE. PIDA NIGE ANE DAKATIWECE ŠODOLADI, ODAJ JA DOLICETA YAKADI ME ŠODETEO NIGE DAŠA IDINEWAKATENAŠA (JACIPAŠANIWETADI). GODAWADI OKO NOIKA, ME IKEE ŠODEWIŠA, MICATAŠA DAŠA IKEE. ANE ITICE ME ONADOŠODI LAWODI OKO, AŠICA ANE WAJIPATA ME IXOMAŠATI DITIGIMEDI EWIDII NOKODODI, PIDA ATE YOWOŠODI NIŠICA ANE LEEŠODI. NIŠICA ANEI ME ANADO ŠODAWODI DOYENATAKA NIGIDI NIPODIGI YAKADI ME AJIPATA LAYLAGEŠIŠI ANE WATIADITIECE, OYATIBIPE ŠODOŠONAKA, CODAA NAPAWAŠA INOKINA ENOALE.

Sangue

A maior parte dos seres vivos do planeta Terra tem sangue em seus corpos. Para nós, humanos, ele garante a nossa vida. Se o sangue está bem, todo o corpo vai bem, mas se algum "invasor" entrar em nosso corpo, vai roubar o nosso sangue e nós poderemos até morrer se não tratarmos (tomar remédio). O sangue para nós, índios, por representar a vida, é como se representasse algo sobrenatural. Onde foi derramado o sangue humano, ninguém ousa passar por cima durante muito tempo, a não ser que não tenha conhecimento do fato. O local onde o sangue

foi derramado fica assombrado. Ali se podem ouvir alguns sons como gemidos, batidas, gritos. Sempre à noite.

LAMODI

ICA LAKATIGI NOIGI EJIWAJEGI INA ME IDA NIGANIGI ANE OIKA ME OCAŠATAŠA **LAMODI**, ODA NIGI ILI IDA NIGANIGI, NIGI ONOJOTEGI ODA ELIODODIPI JOŠOO NALOKEGI.

PIDA INI ICA OKO ANE OYOLATICE MENAŠA INIA DOJOTECAŠA. NAGODI NEŠINI ANE OYOLATICE ME DOJOTECAŠA IGA NEŠIDA NALOKEGI NODITICE ELIODI NODAGI. PIDA NEŠIDA LAKATIGI NOIGI EJIWAJEGI JOTIGIDE.

ELEDI LAKATIGI NOIGI EJIWAJEGI, INA ME IDI NEMEŠEGI ODA NEŠIDI LITACEPODI NEŠIDI EMEŠEGI JA DINOXOTEGITIBI-GIWAJI ODA ODI ICA ME DININYA-TIBIWAJI, ODA LECAWANIGI ME IDI NIYAŠA. ODA NEŠINI OKO ANE DININYA AYAKADI ME DABIDITINI, ODA NIGE IGO ANILA INI LIXIGAŠAWA.

Kadiwéu

Kadiwéu antigamente era um povo nômade, que vivia da caça. Um povo que soube utilizar o cavalo quando foi para a guerra ajudar o Brasil contra o Paraguai e quando venceu a guerra. Na atualidade, esse povo nunca deixou de criar cavalos e também de utilizá-los na sua cultura e nas festas que continuam vivas no meio desse povo.

NIJOLOLA

NIJOLOLA IDEITICOACE MATO GROSSO DO SUL ANE EWIGI ITICOACE BANANA, CACHOEIRINHA, PASSARINHO, NIGOTOŠA, AKIDAWANIGI.

NIGIJO OWIDIJEGI NICAGABI ANE IDIWA 16 MILI OKOLIDI.

NIGIKOA LAKOTAGA ANE ELIODI NIWALOE, ETACOLIGEŠA, LIWILANAŠA, ETOCOLIGEŠA ŠONELEGIWA, WALEPODI.

NIŠIDA ETACOLIGEŠA ANE LIBONAŠADI APAKANIGO, OIBAKE ILAAŠAGI LAMODI, DIWADINAŠETEWAGI INOATAWECE LATOPACO, NIBADENA, GO. IWALEPODI OIBAKE NIBACO ONADINEŠE LOLATEDI. ENANAŠAŠA, OYATI ENEWIGIGI NAKACODIWAŠA, BEJAO, BANANA. NIJOLOLA LOIGI ARUAQUE ICOA GUANÁ.

NIGIDI NOIGI ELIODI, OIWI NIŠINOA NIDIKONIŠICAJOLI, OIKE NIGINOA ANE NOIGI CODA IWOTELOCO NOTAŠANAŠAXI.

Terena

Os Terena vivem em Mato Grosso do Sul e em sua maioria são naturais das aldeias Bananal, Cachoeirinha e Passarinho nos municípios de Miranda e Aquidauana. Atualmente são aproximadamente 16.000 habitantes. Sua cultura é muito rica principalmente na dança e no artesanato. Na dança, temos Bate Pau dançado por homens e mulheres. Esta dança é chamada dança da "Ema" - em que usam penas, se pintam com cores diferentes: urucum, carvão e outros. As mulheres normalmente usam bolsas desfiadas e pintam com tintas artificiais a pele. Eles são agricultores, cultivam mandioca, arroz, feijão e banana. Terena é da família Aruaque, do tronco Guaná. Este povo ultimamente tem apresentado um fenômeno interessante que é o sensível aumento demográfico. Os Terena são motivo de estudo de etnólogos, cujos resultados tem sido divulgados por meio de monografias e livros.

GOGÉ

JOTIGIDE ŠODAMIPI ME NALOŠA, ANOKA ODALOTIGI GOGÉ. LEEŠODI ANATIGIDE ME ETACOLIGEŠA. CODAA NIGAANIGI ME DINETACOLIGETIGI GOGÉ. CODAA INOA NOKODODI MEE JALOŠATIGE GOGÉ. NIŠINA ME NAKATIO NOIKA LALOKIGI, ANOKA ODALOTIGI GOGÉ, DOMAŠA INATAWECE NIGAANIPAWANIGI ETACOLIGEŠA, CODAA ME INA LAXOKODI, IWALEPODI. LEEŠODI ME AYAKADI ME JIKANAŠA ŠODAKATAŠA MOKO NOIKA.

Zabumba

Antigamente, quando os nossos avós faziam festa, era só com zabumba. Porque não é de hoje que os Kadiwéu dançam a dança indígena. Até nos dias atuais, ainda dançamos com zabumba. No dia dezanove de abril, o instrumento preferido é a zabumba, quase todas as crianças se levantam para dançar. Homens, mulheres e velhos também dançam. Sabem por quê? Porque não devemos deixar a nossa tradição.

Boote

ACA IWALO ANE YOWE BOOTE, LEEDITIBIGE ME IGOTA NAPALOAŠA, NIGE ENOTICOGI LIGELADI ODAA JADIBATIGI. NIIŠO YOLAGEŠE, ODAA IWILA NIGE IGODI ADATICEBECE DINIDI LAJO ME OYA, NAŠANA ANE DIŠICA NIDICO BAŠA ŠODACIPAŠO LATE.

Pote

A mulher, que faz pote, precisa buscar barro. Quando chega em casa ela o amassa e depois o prepara. Quando o pote está pronto, alguns são pintados para serem vendidos. Aqueles que não têm pintura servem para uso doméstico.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Ministério da Educação. LDB da Educação Nacional, Lei nº 9394/96, 1997

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia. MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Senado Federal. Constituição Federal de 1988.

CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA/ CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução nº 03/99, de 03 de novembro de 1999. Fixa Diretrizes Nacionais para o funcionamento das Escolas Indígenas. Conselho Nacional de Educação, Brasília, nov. 1999.

MANGOLIN, Olívio. *Povos indígenas do Mato Grosso do Sul: vivemos por mais 500 anos*. Campo Grande: CIMI/MS, 1993.

MARTINS, Gilson Rodolfo. *Breve painel etno-histórico do Mato Grosso do Sul*. 2. ed. Revisada e ampliada. Campo Grande: UFMS/FNDE, 2002.

PADILHA, Solange. *A arte como trama do mundo: corpo, grafismo e cerâmica Kadiwéu*. São Paulo: PUC/SP, [199-]. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais)

PECHINCHA, Mônica T. S. *História de admirar: mito, rito e história Kadiwéu*. Brasília: UnB, 1994. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).

RESENDE, Márcia Spyer. Um mapa do que pode ser a Geografia nas escolas Indígenas. *Em Aberto*, ano 14, nº 63, jul/set. 1994.

RIBEIRO, Darcy. *Kadiwéu: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza*. Petrópolis: Vozes, 1980.

2^o
PRÊMIO:

EDUCAR PARA A
IGUALDADE RACIAL

EXPERIÊNCIAS DE
PROMOÇÃO DA IGUALDADE
RACIAL/ÉTNICA NO
AMBIENTE ESCOLAR



CENTRO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES
DE TRABALHO E DESIGUALDADES

SILVA, Aracy Lopes da, (org.). *A questão indígena na sala de aula: subsídios para professores de 1º e 2º graus*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SILVA, Aracy Lopes da, & GRUPIONI, Luís D. B. (Orgs.). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

SIQUEIRA JR, Jaime G. "*Esse campo custou o sangue dos nossos avós.*": a construção do tempo e espaço Kadiwéu. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 1993. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social)

TASSINARI, Antonella M. Imperatriz. Escola Indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, A. Lopes da e FERREIRA, Mariana K. L. (Orgs.). *Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola*. São Paulo: Global, p. 47, 2001.

WENCESLAU, Marina Evaristo (Org.). *Relatos e faros Kadiwéu*. Campo Grande: Secretaria de Estado de Educação, 1996.